Dia 6 — São Norberto, Arcebispo e Confessor

São Norberto, nobilíssimo fruto de uma das mais ilustres casas da Alemanha, foi filho de Heriberto, conde de Gennep, aparentado com os imperadores, e de Hedwiges, ou Hadvigis, descendente dos duques de Lorena; nasceu no ano de 1080, no pequeno povo de Xanten, do ducado de Cleves; e pouco antes de nascer teve sua mãe um misterioso sonho, pelo qual compreendeu que o que trazia no ventre seria com o tempo uma das mais brilhantes luminárias da santa Igreja.

Não corresponderam a esta esperança os primeiros anos da juventude de Norberto. Vendo-se rico, bem-disposto, de muita capacidade, com um gênio aprazível, sociável, e acompanhado tudo de certo ar tão nobre como gracioso, sendo além disso de humor desembaraçado e festivo, deu-se inteiramente ao mundo e a todos os seus passatempos. Era Norberto como a alma de todas as diversões e de todas as funções da corte. Mas esta inclinação a divertir-se não lhe serviu de estorvo para dedicar-se aos estudos; e, como foi um dos mais sobressalentes engenhos de seu século, em pouco tempo fez grandes progressos em todas as ciências. Foi-lhe provido um canonicato da igreja de Xanten e, empenhado já no estado eclesiástico, ordenou-se de subdiácono; mas com resolução de não passar daquele grau, para viver com alguma maior liberdade. Representava-lhe o bispo que desonrava o estado com sua desregrada vida e que, para reformar-se, lhe convinha muito receber as demais ordens sagradas; mas fazia-se surdo a suas paternais admoestações, olhando com horror o diaconato e o sacerdócio, como o fazem hoje não poucos que, com aparência de respeito e com realidade de indevoção, fogem destas duas sagradas ordens, considerando-as poderoso freio da licenciosa vida a que querem entregar-se.

Depois de haver brilhado na corte de Frederico, arcebispo de Colônia, quis lucir-se com o mesmo fausto e com a mesma ostentação na do imperador Henrique, parente seu; e mal se deixou ver nela, levou as atenções de todos por seu esplendor, discrição e bizarria. Fê-lo o imperador seu esmoler-mor e depois nomeou-o para o bispado de Cambrai; mas não quis aceitá-lo, não por virtude, mas por não mudar de vida. Porém o Senhor, que tinha destinado Norberto para vaso de eleição, abateu-o no meio da carreira.

Caminhava um dia a cavalo a um lugarejo da Vestfália chamado Freden, seguido de um só lacaio seu. O céu estava sereno e, encapotando-se de repente, levantou-se uma furiosa tempestade de relâmpagos e trovões. Deliberaram amo e criado sobre se passariam adiante ou voltariam atrás, quando caiu um raio aos pés do cavalo de Norberto, que, abrindo um buracão na terra, derrubou o cavaleiro e meio o sepultou. Quase uma hora esteve Norberto sem sentido, até que, voltando enfim a si, levantou-se, pôs-se de joelhos e, elevando os olhos e as mãos ao céu, exclamou como outro Saulo: «Senhor, que queres que eu faça?» Pareceu-lhe que lhe respondiam interiormente: «Que deixes o mal e faças o bem.» Resolvido a mudar de vida, retrocedeu, retirou-se a Xanten e,

sem fazer ruído, contentou-se por então com fugir de todo pecado e com trazer um áspero cilício debaixo do vestido regular.

Pouco depois retirou-se ao mosteiro de Siegburg, que governava o abade Cuno, bispo que foi de Ratisbona, e este oportuno retiro aperfeiçoou sua conversão. Instruído já nos caminhos do Senhor, resolveu romper inteiramente com o mundo; e, sabendo que celebrava ordens o arcebispo de Colônia, passou lá, lançou-se a seus pés e suplicou-lhe que o admitisse na matrícula dos ordenandos. Gostosamente surpreendido o arcebispo, vendo que lhe pedia com instância aquilo mesmo que havia rejeitado quando voluntariamente lho haviam oferecido, prometeu-lhe que o ordenaria de diácono. «Não basta isso, Senhor, respondeu Norberto: é mister que no mesmo dia me ordeneis também de sacerdote.» Ainda muito mais admirado o arcebispo, perguntou-lhe o motivo daquela pressa. A isto só respondeu com suas lágrimas; arrojou-se a seus pés, suplicou-lhe que o ouvisse em penitência, manifestou-lhe todas as suas desordens, pediu a absolvição e rogou-lhe que logo lhe conferisse o sacerdócio. Enternecido o prelado e atendendo mais às santas disposições de seu penitente que às dos sagrados cânones, creu bondosamente que podia dar-lhe aquele consolo.

Chegado o dia das ordens, os demais ordenandos se apresentaram na igreja revestidos de alvas, como é costume, e Norberto se deixou ver nela com o vestido mais rico que tinha. Levou-lhe o sacristão o traje correspondente e, chamando um lacaio, despojou-se das galas seculares, vestiu uma sobrepeliz feita de peles de ovelha e cingiu-a com uma grosseira corda; espetáculo que enterneceu a todos os circunstantes, sendo poucos os que à vista dele puderam conter as lágrimas. Retirou-se o novo sacerdote à abadia de Siegburg, onde se dispôs com quarenta dias de retiro e de asperíssima penitência para celebrar a primeira missa.

A instância de seu cabido celebrou-a na igreja de Xanten. Comunicou-se aos assistentes a visível devoção do novo sacerdote; mas ficaram aturdidos quando, acabado o evangelho, o viram subir ao púlpito e pregar com tanta eloquência e com tanto zelo sobre a vaidade do mundo, sobre a brevidade da vida, sobre a santidade do estado eclesiástico, sobre suas indispensáveis e muitas obrigações, que se desfazia em lágrimas todo o concurso. Houve cabido no dia seguinte e, perguntado acerca de alguns pontos da regra, falou com tanto espírito, com tanta energia e com tanta moção contra os abusos que se haviam introduzido e contra os licenciosos costumes dos eclesiásticos, que acabou de render com este discurso os que já estavam muito movidos com o antecedente. É verdade que não foi universal o fruto, porque não a todos agradou aquela liberdade apostólica; e, temendo ter em Norberto um contínuo censor de suas desordens, tanto com suas palavras como com seus exemplos, fizeram quanto puderam para livrar-se dele. Carregaram-no de injúrias, insultaram-no muitas vezes, caluniaram-no e acusaram-no ao papa, tratando-o de hipócrita e de novador que, com o especioso pretexto de reforma, tentava introduzir perigosas novidades.

No tocante às injúrias e aos ultrajes, nada teve que fazer em tolerá-los, não só com paciência, mas com alegria, porque era o que ele mais desejava; mas pareceu-lhe que não devia sofrer que o tivessem por suspeito na fé. Confundiu a calúnia no concílio de Fritzlar, que se celebrou na presença de um legado apostólico; e, aceso em maior zelo da salvação das almas e em mais vivo desejo de sua própria perfeição, renunciou nas mãos do arcebispo de Colônia todos os benefícios

eclesiásticos que possuía, e eram muito pingues, vendeu todos os seus bens e todos os seus móveis, sem reservar-se mais que os ornamentos para dizer missa com decência, e todo o produto o repartiu logo entre os pobres.

Ficou ele mais pobre que os mesmos a quem acabava de fazer aquela esmola e partiu a pé e descalço a buscar o papa Gelásio II, que estava em Saint-Gilles, no Languedoc, acompanhado de dois só leigos, que se haviam feito seus discípulos. Prostrou-se aos pés de Sua Santidade, fez com ele uma confissão geral; absolveu-o de suas culpas e também da irregularidade em que pudesse ter incorrido por se haver ordenado num mesmo dia de diácono e de presbítero, contra o disposto pelos sagrados cânones; e, bem informado o sumo pontífice, tanto da nobreza como do mérito pessoal de seu penitente, prendado por outra parte de sua sabedoria, de sua virtude e de seu zelo, quis tê-lo em sua corte; mas o santo suplicou-lhe humildemente que se dignasse permitir-lhe seguir sua vocação, que era ir pregar penitência por todas as partes com seus sermões e com seus exemplos; e, edificado o papa de tão santa resolução, deu-lhe sua bênção com ampla faculdade para pregar o Evangelho por todo o mundo.

Não bastou para deter nem um só ponto o novo missionário o rigoroso frio do inverno. Percorreu com seus dois companheiros o Languedoc, a Guiana, o Poitou, o Orleanês, pregando em todas as partes com maravilhoso fruto, sem admitir o menor alívio nem reparo contra os rigores da estação, caminhando com os pés descalços e jejuando todos os dias, de sorte que sua mesma vida pregava penitência.

Ao passar por Orleans encontrou um subdiácono que, animado do mesmo zelo, se juntou a ele, e com este novo reforço passou ao condado de Hainaut e, entrando em Valenciennes no sábado antes do domingo de Ramos, pregou neste dia ao povo com tanto fruto que fizeram os maiores esforços para detê-lo; e com efeito, tendo caído mortalmente enfermos seus três companheiros, viu-se obrigado a fazer mansão naquela cidade por muitos dias. Com esta ocasião viu Burcardo, bispo de Cambrai, que havia vindo a Valenciennes. Como este prelado o havia conhecido na corte do imperador e se lhe havia dado o bispado porque Norberto não o quisera admitir, enterneceu-se muito quando o viu naquele estado de penitência, abraçou-o estreitamente e olhou-o com veneração. Admirado um familiar do bispo, chamado Hugo, daquele recebimento tão terno como respeitoso, informou-se de quem era aquele estrangeiro; e, noticioso de sua qualidade, de suas circunstâncias e de seus talentos, fez-se companheiro seu e foi o mais célebre de todos os seus discípulos. Os outros três companheiros enfermos morreram todos quase num mesmo dia; e, concluídas suas exéquias, partiu Norberto de Valenciennes com o novo discípulo Hugo para pregar, como o fez, em todas as cidades, povos e aldeias do condado de Hainaut, do país de Liège e do Brabante, obrando em todas as partes portentosas conversões.

Tendo notícia de que Calisto II, sucessor de Gelásio, havia convocado um concílio em Reims, em que havia de presidir o próprio papa, partiu para lá com seu companheiro Hugo para suplicar ao sumo pontífice que confirmasse sua missão e lhe desse faculdade para escolher operários que o acompanhassem em suas expedições apostólicas. Achou os ânimos muito prevenidos em seu favor, recebendo-o o pontífice com grandes demonstrações de afeto e de estima, e não foram menores as que lhe deram todos os demais prelados. Bartolomeu, bispo de Laon, admirado de sua eminente santidade, suplicou ao papa que lho concedesse para reformar uma abadia de seu

bispado; e, condescendendo o pontífice, foram tantos os estorvos que lhe saíram ao encontro naquela reforma que muito em breve se livrou da tal comissão; mas, não podendo o bom bispo resolver-se a permitir a Norberto que saísse de seu bispado, propôs-lhe que dentro dele escolhesse o sítio que melhor lhe parecesse para edificar um mosteiro, onde poderia criar muitos discípulos de sua mão e, se o julgasse conveniente, prescrever-lhes regras particulares que formassem um novo instituto. Pareceu bem ao santo a proposta; e, tendo examinado vários lugares, fez alto num vale muito deserto e muito estéril, chamado Prémontré, no bosque de Coucy, onde achou uma capela meio arruinada que pertencia à abadia de São Vicente de Laon. Passou nela a noite e, vindo o bispo a buscá-lo no dia seguinte, «Este é, Senhor (disse-lhe o santo), o lugar que Deus nos tem assinalado, no qual se hão de santificar muitos com sua divina graça. Esta noite se me representou uma multidão de homens vestidos de branco, com cruzes, castiçais e incensórios nas mãos, que iam em procissão cantando louvores a Deus por todo este contorno.» Conseguiu-lhe o bispo a posse daquele sítio e, partindo Norberto ao Brabante em busca de companheiros, juntou treze, com os quais voltou a Prémontré, dando-lhes a todos o hábito branco, dispondo-lhes umas constituições cheias de espírito divino e fundando aquele novo instituto de cônegos regulares, tão fecundo em homens ilustres e religiosos insignes, que depois de seiscentos anos conservam a disciplina regular em todo o seu vigor e edificam toda a Igreja com seus grandes exemplos.

Teve princípio a ordem premonstratense no ano de 1121; e em pouco tempo viu o santo fundador mais de oitocentos religiosos e oito abadias célebres de sua ordem. A santa vida que nela se professava, as grandes penitências que se faziam, a exatíssima observância que em todas as partes reinava, com o superior conceito que merecia a elevada santidade de Norberto, autorizando-a Deus cada dia com portentosos milagres, tudo era motivo para que concorresse multidão de ilustres pretendentes, desejosos de abraçar o novo instituto, e para que as cidades e os prelados conspirassem como a porfia a fundar muitos mosteiros. Fez-se célebre o de Floreffe, perto de Namur, por haver-se retirado a ele o conde Godofredo tomando o hábito de leigo; mas nenhum mais famoso nem mais glorioso para nosso santo que o de São Miguel de Antuérpia.

Aproveitando-se da ignorância e da dissolução que reinava nesta cidade, um miserável herege chamado Tanquelino havia semeado nela seus erros com tão desgraçada felicidade que contava mais de três mil sectários. Desterrou dela o uso dos sacramentos, particularmente o da sagrada Eucaristia, sendo fruto de sua perversa doutrina o desprezo de todas as leis, a abolição do culto da santíssima Virgem e dos santos, com o público e geral abandono às maiores torpezas; e, embora não estivesse já no mundo este infame herege, por ter perdido violentamente a vida no ano de 1115, depois de haver cometido mil abominações, não deixava de ter muitos discípulos infatuados em suas detestáveis máximas, os quais inficionavam todo o país. Pareceu a todos os bons que o remédio mais eficaz e mais pronto para atalhar tanto mal era chamar o santo abade de Prémontré. Acudiu prontamente, acompanhado de alguns discípulos seus, e pregou com tanta eficácia, com tanto acerto e com tanta moção que em breve tempo fez voltar ao caminho da verdade e da justiça os que se haviam desviado dele, e viu-se mudado todo o semblante da cidade. Ficaram tão assombrados e tão movidos desta maravilha os cônegos de São Miguel que cederam sua própria igreja a São Norberto para que fundasse nela um convento de sua religião, e eles se retiraram à igreja de Santa Maria, que é hoje a catedral.

Ainda não estava aprovado o novo instituto senão pelos legados do papa Calisto II, e São Norberto passou a Roma para que o confirmasse Honório II, que então ocupava a cadeira de São Pedro. Recebeu-o o pontífice com a ternura e com a estima que merecem os santos e confirmou com grandes elogios sua religião por uma bula expedida em 16 de fevereiro de 1126.

Ao voltar de Roma teve precisão de passar pela Alemanha e, encontrando a corte imperial em Würzburg, cidade da Francônia, foi recebido com grande veneração do imperador Lotário, que teve devoção de ouvir sua missa no dia de Páscoa, e ao acabá-la deu vista a uma mulher cega; milagre que fez tanta impressão em três cavaleiros jovens, irmãos e muito ricos, que, arrojando-se a seus pés, lhe pediram que os recebesse em sua ordem, onde se consagraram a Deus e fundaram de sua fazenda um mosteiro perto de Würzburg.

Logo que Norberto se restituiu a Prémontré, teve o consolo de que voluntariamente se sujeitasse a sua santa regra a abadia de São Martinho de Laon, que poucos anos antes não havia querido admitir a reforma, e o mesmo fez a de Valsery. Começava em sua amada solidão a desfrutar a doçura do sossego e do repouso, quando o conde de Champanhe lhe rogou que quisesse acompanhá-lo numa viagem à Alemanha; e, chegando a Spira, onde estava o imperador, encontrou-se com os delegados de Magdeburgo, que vinham pedir bispo para aquela igreja, e todos, de unânime consentimento, puseram os olhos no abade de Prémontré, eleição que foi aplaudida de toda a corte; e, sem dar ouvidos a sua resistência nem a suas razões, puseram-lhe guardas de vista até que foi consagrado e conduzido a Magdeburgo, sem permitir-lhe que voltasse a seu mosteiro. Foi universal o gozo de todo o clero e de todo o povo, excedendo muito a todas as esperanças as bênçãos que derramou o céu sobre suas ovelhas pelos méritos do santo pastor. Em nada alterou seu método de vida a nova dignidade; e, embora se visse elevado a uma das mais respeitáveis sés episcopais da Alemanha, sempre se conservou igualmente pobre, igualmente humilde, igualmente mortificado. Tinha muito debilitada a fé a licença dos costumes; mas nosso santo, armado da palavra de Deus e muito mais dos exemplos de sua virtude, combateu o vício e o erro com todas as suas forças, reformou o clero, corrigiu os abusos e conseguiu que voltasse a florescer a religião e a piedade em todo o bispado; não contribuindo pouco para estes felizes sucessos sua afabilidade, sua caridade e sua penitente vida. Em breve tempo comunicou a seu rebanho aquela terna devoção à santíssima Virgem que ele lhe havia professado sempre quase desde o berço; mas em nenhuma coisa se fez mais visível seu zelo que em procurar que se rendesse ao Santíssimo Sacramento do Altar o culto e veneração que se lhe devia. Foi tão notória sua devoção e seu amor ao augusto Sacramento que depois de sua morte se o pintou com um viril na mão, como em prova de ter sido esta sua devoção sobressalente.

Sendo tão geral a corrupção dos costumes e sendo tão vivo e tão ardente o zelo do santo prelado, era preciso que lhe suscitasse muitos inimigos. Não poucas vezes determinaram assassiná-lo, e outras tantas teve o consolo de ver convertidos os assassinos. Não perdoaram meio algum para aborrecê-lo, para caluniá-lo e para perdê-lo; mas rebateu estas violências com as invencíveis armas de sua mansidão, de sua caridade e de sua paciência. Tratava os enfermos frenéticos como verdadeiro médico; e, se talvez se via obrigado a usar de severidade em sua correção contra os filhos rebeldes, fazia-o com entranhas de amoroso pai, cheio de ternura com eles; e, desarmando desta maneira com a virtude e com o sofrimento a seus inimigos, cessou a tempestade, de cuja calma se aproveitou para fazer suas visitas pastorais com fruto jamais ouvido e com geral

satisfação.

Mas nem os cuidados nem o governo de sua igreja lhe serviam de estorvo para atender também às necessidades de sua ordem. Dispôs que em seu lugar fosse nomeado por abade-geral da religião Hugo, o primeiro de seus discípulos. Tendo assistido ao concílio de Reims, em que Inocêncio II foi reconhecido por verdadeiro papa e condenado o antipapa Anacleto, fez uma viagem a Roma, onde trabalhou eficazmente para acabar de extinguir as centelhas do cisma; e, restituído a sua igreja, postrou-o na cama uma enfermidade que ao cabo de quatro meses lhe tirou a vida, morrendo com a morte dos santos no dia 6 de junho de 1134, de idade de 53 anos, ao oitavo de seu episcopado e ao décimo quarto da fundação de sua religião. Manteve-se o santo corpo nove dias sem enterrar-se e sem o menor sinal de corrupção, manifestando o Senhor por este tempo a glória de seu servo com grandes maravilhas. Tendo-se apoderado os luteranos da cidade de Magdeburgo, o imperador Fernando II fez trasladar suas relíquias no ano de 1627 à cidade de Praga, na Boêmia.

Martirológio Romano

São Norberto, bispo de Magdeburgo, fundador da ordem Premonstratense.

Em Cesareia da Palestina, a festa de São Filipe, um dos sete primeiros diáconos. Com a celebridade de seus prodígios e milagres, converteu a Samaria à fé de Jesus Cristo, batizou o eunuco de Candace, rainha dos etíopes, e morreu por fim em Cesareia. A seu lado foram enterradas três de suas filhas, virgens profetisas; e a quarta morreu em Éfeso, cheia do Espírito Santo.

Em Roma, Santo Artêmio com sua esposa Cândida e sua filha Paulina. Tendo crido Artêmio em Jesus Cristo pela pregação e milagres de São Pedro, o exorcista, e batizado com toda a sua casa por São Marcelino, presbítero, foi açoitado com chumbadas e por fim degolado por ordem do juiz Sereno. Sua esposa e filha foram lançadas numa gruta e cobertas de pedras e terra.

Em Tarso, na Cilícia, vinte santos mártires que, no tempo de Diocleciano e Maximiano e do juiz Simplício, glorificaram a Deus em seus corpos diferentemente atormentados.

Em Noyon, nas Gálias, os santos mártires Amâncio, Alexandre e companheiros.

Em Fiésole, na Toscana, Santo Alexandre, bispo e mártir.

Em Milão, o falecimento de Santo Eustórgio, bispo e confessor.

Em Verona, São João, bispo.

Em Besançon, na França, São Cláudio, bispo.

Em Grenoble, São Ceras, bispo.

Em Guerrande, diocese de Saint-Malo, São Gurval, bispo de Quidalet.

Em Saintonge, Santo Aguebrudo, bispo de Lião, conhecido por seus escritos com o nome de Agobardo.

Perto de São Dídier, na Auvérnia, São Gilberto de Neuffontaines, da ordem Premonstratense.

Em Constantinopla, São Hilarião, o Jovem, abade.

Na dita cidade, São Fotas, morto em paz.

Na Irlanda, em Meath, Santa Coca, virgem.

Na Escócia, nas ilhas Órcadas, São Colmo, bispo, homem de maravilhosa santidade.

Em Cava, no reino de Nápoles, o venerável Falconi, abade da Trindade.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessor pontífice, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui beatum Norbertum, confessorem tuum atque pontificem, verbi tui præconem eximium effecisti, et per eum Ecclesiam tuam nova prole fœcundasti: præsta, quæsumus; ut ejusdem suffragantibus meritis, quod ore simul et opere docuit, te adjuvante, exercere valeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que fizeste do bem-aventurado Norberto, teu confessor e pontífice, tão excelente pregador de tua divina palavra, e por seu meio te dignaste aumentar tua santa Igreja com uma nova família, concede-nos, por seus merecimentos, que pratiquemos o que nos ensinou tanto com seu exemplo como com suas palavras. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 44 e 45 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico).

> **Latim:** *Ecce sacerdos magnus, qui in diebus suis placuit Deo, et inventus est justus, et in tempore iracundiæ factus est reconciliatio. Non est inventus similis illi qui conservaret legem Excelsi. Ideo jurejurando fecit illum Dominus crescere*

> *in plebem suam. Benedictionem omnium gentium dedit illi, et testamentum suum confirmavit super caput ejus. Agnovit eum in benedictionibus suis: conservavit illi misericordiam suam, et invenit gratiam coram oculis Domini. Magnificavit eum in conspectu regum; et dedit illi coronam gloriæ. Statuit illi testamentum æternum, et dedit illi sacerdotium magnum, et beatificavit illum in gloria. Fungi sacerdotio, et habere laudem in nomine ipsius, et offerre illi incensum dignum, in odorem suavitatis.*

Português: Eis aqui um grande sacerdote que em seus dias agradou a Deus e foi achado justo, e no tempo da ira fez-se reconciliação. Não se achou semelhante a ele na observância da lei do Altíssimo. Por isso o Senhor, com juramento, fez que fosse célebre em seu povo. Deu-lhe a bênção de todas as nações e confirmou em sua cabeça o seu testamento. Reconheceu-o por suas bênçãos e conservou-lhe sua misericórdia, e achou graça aos olhos do Senhor. Engrandeceu-o na presença dos reis e deu-lhe a coroa da glória. Fez com ele uma aliança eterna e deu-lhe o sumo sacerdócio, e encheu-o de glória, para que exercesse o sacerdócio, fosse louvado seu nome e lhe oferecesse incenso digno dele, em odor de suavidade.

Nota

«O mesmo é o livro da Sabedoria que o do Eclesiástico, porque a Igreja lhe dá indiferentemente estes dois nomes. Dá princípio por uma viva exortação à sabedoria, seguida de muitas sentenças ou máximas morais de que se compõe até o capítulo 44, em que o autor começa o elogio dos patriarcas, dos profetas e dos homens ilustres entre os judeus, continuando-o até o último capítulo.»

Reflexões

Cumulou-o de felicidade e de glória para que exercesse com dignidade todas as funções de seu ministério; cantam-se os louvores do Senhor; anuncia-se ao povo a glória de seu santo nome e oferece-se a Deus incenso digno de sua grandeza e majestade. Este é um resumo das funções que correspondem ao ministério sagrado e das disposições com que se devem exercitar: pureza de costumes, zelo de religião, dignidade no culto, fervor na oração, pontualidade nas obrigações e devoção em tudo. Não eleva Deus os ministros à sublime dignidade do sacerdócio senão para ser dignamente honrado por eles. De certa maneira deve o sacerdote disputar aos anjos a inocência e o fervor no serviço de Deus; sendo iguais no ofício de cantar os louvores do Senhor, qual deve ser sua modéstia, seu respeito e sua devoção! Quanto seu amor e seu zelo!

Nem a religião tem coisa mais santa, nem o próprio Deus pode fazer coisa mais grande e mais respeitável que o sacrifício da missa. Instituição inteiramente divina, oblação santa, vítima de

preço infinito, sacrifício do adorável corpo e sangue de um Homem-Deus; pontífice igual e consubstancial a ele; pode imaginar-se coisa mais divina nem mais digna de nosso culto? Pois tudo isto se acha neste divino mistério. Não só é o sacrifício da missa o ato mais perfeito de nossa religião, mas o milagre dela por excelência; é como um compêndio de toda ela. Tal é o sacrifício que oferecem os sacerdotes!

Pois qual deve ser a fé, qual a pureza de costumes e a eminente santidade dos ministros do Altíssimo! Desses mediadores visíveis entre Deus e os homens! Desses sacerdotes do Deus vivo, cuja dignidade reverenciam as potências da terra e cujo sagrado caráter respeitam até os próprios anjos do céu! Poderão chegar-se ao altar sem sentir-se preocupados de um santo e respeitoso temor? Poderão sustentar em suas mãos aquela hóstia viva sem experimentar em seus corações os efeitos maravilhosos de sua adorável presença? Sai Moisés da conversa que teve com Deus no monte, espalhando raios de seu inflamado semblante; e poderá sair um sacerdote do altar sem sentir novo fervor, sem devoção mais acesa, sem conhecidas melhoras na virtude? Poderá chegar-se ao altar com o coração cheio de mundo? E poderá retirar-se dele com uma fé amortecida e com uma quase moribunda caridade? Evitam-se hoje aquelas justíssimas censuras que fazia o Senhor aos indignos sacerdotes porque não se aproximavam do altar? E será legítima escusa para não exercer o ministério a falta de devoção? Por ventura nos fez Deus sacerdotes para que nos desviássemos do santo sacrifício? Será boa desculpa para não nos aproximarmos do altar o fato de os costumes nos confundirem com o povo? Impõe-nos gravíssima obrigação o sagrado caráter; é grande delito não ser alguém aquilo que deve ser: quanto mais elevada é a dignidade, mais visíveis se fazem os defeitos; nenhuma coisa pode dispensar os ministros do altar da eminente santidade a que os obriga seu mesmo caráter; raro defeito seu deixará de ser escandaloso, e nenhum que não seja muito particularmente ofensivo daquele Deus que os escolheu por ministros seus e que por esta mesma eleição os distinguiu do resto dos demais homens.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque

> superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Não há condenado que não esteja persuadido de que se condenou porque quis condenar-se

Primeiro ponto

Considera qual será a raiva e o desespero de um condenado por toda a eternidade, considerando que a condenação foi obra de suas mãos. Se se condenou, foi puramente por culpa sua; se se condenou, foi porque assim o quis ele; se se condenou, foi porque não lhe deu na vontade corresponder à graça. Havia feito Jesus Cristo todo o custo para sua salvação; não o excluiu este divino Salvador do benefício da redenção; nasceu, viveu no mundo, padeceu e morreu por ele como por todos os predestinados; mereceu-lhe e deu-lhe também todos os auxílios suficientes para fazer-se santo. Esta verdade é do maior consolo para todos os fiéis; mas é de indizível dor para os condenados.

Se Deus os tivesse deixado na massa da perdição; se não tivesse morrido por eles; se lhes tivesse negado os auxílios absolutamente necessários para salvar-se, nem por isso seria menos desditosa sua sorte nem sua desgraça menos infinita; mas então toda a sua raiva e todo o seu furor se

converteria contra Deus, que somente os havia criado para perdê-los. Mas quanto será o furor, quanta a raiva que terão contra si mesmos, conhecendo que Deus era aquele bom pastor que amava todas as suas ovelhas; que aquele juiz foi um salvador que deu seu sangue por todas elas; que aquele Criador foi um amorosíssimo pai que não negou a seus filhos nem a mínima parte dos bens que lhes devia; que estes se os pôs nas mãos logo que os colocou neste mundo; que nem um só deles deixou de receber algum cabedal, com ordem de negociar com ele sua eterna salvação, a qual só se concede aos adultos a título de salário e de recompensa! Condenaram-se porque não quiseram ouvir a voz daquele bom pastor; saíram do redil e não quiseram voltar ao aprisco. Não foi culpa do pastor se o lobo despedaçou as ovelhas.

Que motivo tiveram para abandonar a casa do melhor pai e para não querer viver sujeitos a suas suavíssimas leis? Pode haver maior extravagância que cansar-se de uma vida uniforme e regulada? Sacode-se o jugo da lei, quer-se viver com liberdade e sem dependência; não se admite mais regra que a das paixões e dos desejos. Não quer Deus violentar-nos, ou porque não gosta de serviços forçosos, ou porque respeita, digamo-lo assim, a liberdade que deu ao homem. Afasta-se logo este pródigo da casa de seu bom pai; encontra depressa sua desgraça e sua perdição no abuso de sua liberdade. Não há condenado que não tenha sido artífice de sua reprovação. Meu Deus, que dor, que desespero o de haver trabalhado alguém em sua própria ruína e dever a si mesmo sua condenação eterna!

Segundo ponto

Considera que não há santo no céu que não conheça e não esteja plenamente convencido de que só deve sua salvação ao sangue, aos méritos e à graça de Jesus Cristo. Quais serão os afetos de amor e de agradecimento a este divino Salvador! Quanto seu agradecimento a sua divina graça! No inferno não há condenado nenhum que não palpe, que não esteja igualmente convencido de que jamais se lha negou o mesmo Salvador; que ele foi quem, por sua própria malícia, não quis seguir aquela saudável inspiração, obedecer àquele preceito, privar-se daquele falso deleite que lhe havia de causar a morte, caminhar pelo caminho estreito que conduz os homens à vida. Quais serão os movimentos de cólera, de indignação e despeito que terá contra si mesmo!

Aquele rico que se condenou por toda a eternidade estará conhecendo que teve em sua mão resgatar seus pecados com suas esmolas; que se lhe proporcionaram grandes meios; que se lhe deram muitos auxílios; que não lhe faltou a graça e só lhe faltou a boa vontade.

Aquela donzela, aquela dama infeliz jamais esquecerá no inferno tudo o que fez Deus para salvá-la: as piedosas máximas em que a imbuíram desde a infância; a cristã educação que logrou; as fortes inspirações que sentiu; os dissabores e desgostos; os contratempos, as enfermidades, os reveses: tudo o dispunha a divina Providência para que não se perdesse; condenou-se porque quis condenar-se, e disto estará sempre bem persuadida.

Aquela pessoa consagrada ao Senhor pelos votos mais solenes, se tem a desgraça de ser precipitada nos abismos, eternamente conhecerá que lhe teria custado muito menos ter uma vida ajustada, uniforme, regular no estado eclesiástico ou religioso do que a secularizada e até

escandalosa que levou; verá que por suas próprias mãos fabricou sua condenação; que para perder-se foi mister obstinar-se, endurecer-se, armar-se muito de propósito contra as solicitações da divina graça e resistir com empenho aos remorsos da consciência; vendar os olhos com estudo ou fechá-los muito de intento aos raios de sua mesma razão. Oh Deus, um eclesiástico, um religioso, um sacerdote que se condenam! Que dor, que raiva, que desespero!

Considera um homem que muito de intento põe fogo à sua casa por um rapto de loucura, ou por um ímpeto de cólera, ou por um excesso de bebedeira. Que dor será a sua quando, sossegada a cólera e dissipada a embriaguez, vê a sangue-frio que por suas mesmas mãos reduziu a cinzas sua própria casa e nelas se consumiram seus móveis, seus bens, seus celeiros, suas provisões e tudo quanto tinha neste mundo! Quando faz reflexão de que se vê reduzido a mendigar só porque quis; que perdeu por seu capricho as comodidades que tinha e, podendo viver rico e acomodado, se acha infeliz e miserável por mero capricho seu; que desespero será o deste insensato quando considerar sua tolice ou sua brutalidade! Pois considera qual será o de um infeliz condenado quando pensar (e o estará pensando, queira ou não queira, por toda a eternidade) que se condenou porque quis condenar-se!

Meu Deus! Pois me dais tempo para prevenir este desespero, dai-me graça para evitar minha perdição. Não, Deus meu, não quero perder-me; resolvido estou a sacrificar tudo, a perder tudo, a praticar tudo para salvar-me pelos méritos de meu Senhor Jesus Cristo. Salvai-me, Senhor, por vossa divina graça.

Jaculatórias

> *Iniquitatem meam ego cognosco; et peccatum meum contra me est semper.* Sl 50.

Conheço, Senhor, minhas maldades, abomino-as, detesto-as; e nunca deixarei de lançar-me a culpa delas.

> *Tibi, Domine, justitia: nobis autem confusio faciei.* Dn 9.

Senhor, ainda quando nos castigais com o maior rigor, sois justo, e nós nos devemos encher de confusão; porque, se nos perdemos, por nossa culpa nos perdemos.

Propósitos

1. Ser um homem infeliz por alguma inevitável fatalidade é triste coisa; mas, enfim, não pode atribuir a si mesmo a culpa de sua desgraça, e resta-lhe o consolo de queixar-se contra quem foi a causa dela; mas ser supremamente desditoso, eternamente desditoso, e sê-lo porque ele mesmo o quis ser: compreende, se podes, a cruel dor deste suplício. Mas já, se ao menos se pudesse desviar da imaginação este pensamento no inferno; se pudesse persuadir-se um condenado de que com efeito lhe faltou a graça necessária para salvar-se, e que Jesus Cristo não morreu por todos, ou que não pôde obrar de outra maneira; mas não pode ser, porque no inferno não há hereges; ali se conhece, se vê, se palpa que a reprovação foi obra nossa; sabe-se que se pôde não fazer resistência à graça; confessa-se que não faltou a necessária para poder salvar-se; mas que faltou a vontade, arrastada do atrativo do deleite; que a paixão ficou vitoriosa porque o coração foi de inteligência com a paixão. Ah, e que de outra maneira se viveria, se se ruminasse frequentemente esta verdade! Pensa continuamente nela e, quando for mais viva a tentação, quando sentires que a paixão está mais acesa e mais violenta, pergunta-te a ti mesmo: «Eu quero condenar-me? Pois dou-me este gosto; mas cuidado, que o fruto dele há de ser minha eterna condenação. Determino-me livremente a pecar? Pois aceito a sentença de ser eternamente condenado.»

2. Considera todo pecado mortal como um legítimo direito que adquires a tua reprovação; como um instrumento autêntico que te assegura a posse de tua eterna infelicidade. Quantas piedosas indústrias usaram os santos para que esta verdade se lhes fizesse mais sensível! Uns, quando os apertava a tentação, escreviam estas palavras: «Se consinto neste pecado, consinto em ser condenado.» Outros, aplicando a mão ou os dedos à chama, perguntavam a si mesmos: «Como poderei habitar por toda a eternidade no meio dos ardores sempiternos?» Muitos, enfim, se familiarizavam com este pensamento e com esta importantíssima verdade: «Se me salvo, será obra de meu Senhor Jesus Cristo; se me condeno, será obra de minhas mãos.»

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:59 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:59 by Admin